

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE FEVEREIRO DE 1912

N.º 314

Movimentos de protesto

A greve geral em Lisboa



Os grevistas tomando posse d'um carro electrico e obrigando-o a voltar para a estação de Santo Amaro

(Phot. de J. Benollet)

EXPLICANDO

Escreitas ha muito, só agora podem ter publicidade as palavras que vão lêr-se. Prohibiu o quartel general a sua inserção no numero passado por motivos que não será facil decifrar, attendendo a que não eram nossas mas de varios parlamentares e jornalistas as opiniões que ellas traduziam. O côrte official foi, portanto, mais do que um correctivo á nossa humilde prosa,—o que de pouco valia—foi uma obisca indirecta, como vai ver-se, nos republicanos que discordam dos processos empregados por aquelles que nos governam.

Devemos ainda assim declarar que se não vissemos jornaes dos mais adeptos ao regimen, como por exemplo «A Capital», tornar agora publico o que a censura mutilou, reservaríamos para mais tarde a exhibição das seguintes opiniões alheias, com as quaes nos encontramos de pleno accôrdo—diga-se em abono da verdade.

todos elles o diagnostico da doença, que lavra e nos mina; o prognostico compete ao publico fazê-lo. Não é a modestia ou a facultade negativa da imprevidencia, que me tolhe de contribuir com a minha quota parte para o trabalho de analyse e de previsão...

Não é ainda o receio de que me censurem por metter foice em seara alheia, visto que não é alheia, mas bem portugueza aquella em que se organisa ou se destroe o futuro da nacionalidade. Mas — e esta é a razão suprema — porque os factos clamam tão alto, são tão insuspeitas as conclusões que d'ellas tiram os varios organisaadores d'esta chronica, e é já tão intenso o pavor que da simples

Movimentos de protesto

A greve geral em Lisboa



Um electrico tomado pelos grevistas seguindo para Santo Amaro escoltado pela cavallaria

(Phot. de J. Benoit)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de fevereiro de 1912

Coberta de retalhos

Não é outra coisa esta chronica. Mas nunca os retalhos foram mais aproveitaveis, nunca tanto á maravilha elles serviram para definir, mais do que a situação politica: a Situação Nacional.

Não preciso embrenhar-me em considerandos, são absolutamente dispensaveis quaesquer apreciações de minha lavra, que podiam ser tomadas á conta de parciaes, para levar ao espirito de quem me lê, a impressão do que se está passando, do que é a politica actual, do que está sendo a vida portugueza.

Coberta de retalhos, mas retalhos preciosos, apanhados aqui e ali, respigados nas columnas da imprensa, fornecidos por jornalistas de todos os partidos e de todas as côres politicas. E' feito por

observação de todos elles resulta, que inutil se torna a collaboração pessoal quem a firma, e nem é de bom patriotismo agravar o panico já largamente diffundido por todos os criticos do regimen.

Resta agrupar os retalhos dispersos e com elles fazer a coberta. E' começar pelo *Seculo*. Diz o jornal de maior publicidade no paiz:

«Basta atentar na situação miseravel d'este povo; na sua ignorancia; no desconhecimento quasi completo dos seus direitos e deveres; na vida animalizada das povoações rusticas; a agricultura fazendo-se por processos primitivos; a industria improgressiva, produzindo mal e caro, servida por milhares de creaturas sem educação profissional, esfomeadas e exaustas; os portos açoriados, quasi defezos á navegação; os rios sem serventia, marginados por terras sequiosas; as montanhas nuas de vegetação. Com 40 por cento de terrenos incultos dispendemos por ano para nos alimentarmos 9 mil contos em ouro e exportamos cerca de 40:000 pessoas válidas; as colonias debatem-se em crises e difficuldades de toda a ordem e, podendo ser fontes de riqueza para o paiz, são a ruina das suas finanças...

«Mas, para que dizer mais? Esta tremenda herança da monarquia tem de ser liquidada vantajosamente para Portugal pelos homens da Republica. E, não será, por certo, apoucando-se, golpeando-se nas suas reputações, agredindo-se furiosamente, açulando odios e promovendo a desunião das di-

E d'ahi a pouco, referindo-se a um papel impresso dirigido a todos os membros do parlamento, cheio de ameaças e pressões para votarem de afogadilho aquelle contracto suspeito e que cá fóra se dizia ser escandaloso e altamente nocivo para o Thesouro, escrevia com mágoa e desalento:

«Se acaso nós suppozessesmos que na distribuição de tal papelucho teria a mais insignificante interferencia qualquer ministro das colonias, ou qualquer deputado ou senador, seria então o caso de nós sermos um homem que facilmente cria na deshonestidade dos homens publicos, e quem crê facilmente que os outros são deshonestos arrisca-se pelo menos a ser facilmente difamado.

«O que é certo é que esse papelucho fez uma impressão de tal nojo — diga-se para honra da camara — entre os deputados, que insistentemente se ouviam vozes desalentadas murmurando que o melhor era abandonar a Republica inteiramente á mão d'esses taes que veem fazendo da pressão e da ameaça armas partidarias, e agora, ao que parece, da pressão e da ameaça querem fazer instrumentos de negocio.»

Por seu lado, e sobre o mesmo assumpto, dizia a *Republica*:

«Não, o sr. dr. Antonio José de Almeida não dará um só passo para fazer succumbir o governo; pelo contrario, dará os que fôrem precisos para que elle se conserve. Só uma excepção o sr. dr. Antonio José de Almeida abre n'este momento. E' o caso de uma questão de moralidade que venha, porventura, a surgir. Perante essa, que oxalá por falta de motivo não appareça, o nosso director será, então, inflexivel. Elle friamente e implacavelmente dará o seu voto para que o governo, ou qualquer dos ministros, em particular comprometido, abandone o governo.»

Ao mesmo tempo que o publico lia com pasmo estas palavras, cujas entrelinhas eram aterradoras, o deputado Egas Moniz pedia na camara copias dos contractos entre o governo e a Companhia dos Caminhos de Ferro Atravez d'África.

E antes de serem fornecidos estes documentos, antes de se tra-



A greve geral em Lisboa — Os grevistas nos tejadilhos dos carros obstando ao seu andamento

(Phot. de J. Benoitel)

var sobre a questão um debate parlamentar, que prometia ser cortado de incidentes e assignalado de violencias, que trariam a queda de um dos ministros ou a de todo o ministerio, o governo, depois do conselho de ministros, manda ás 4 da madrugada do dia 25 uma nota aos jornaes informando que o ministro das colo-



A greve geral em Lisboa — Em Alcantara — A séde da Associação d'onde foram arremessadas bombas sobre os carros electricos

versas facções republicanas que se ha de realizar a tarefa de reconstrução por que o povo aneia.»

Esclarece melhor *O Dia*:

«E... depois? Não podemos governar-nos com outros portugueses. Não ha olaria que fabrique depressa e bem outra fornada. Bons ou maus, ha d'estes e não ha d'outros. E estes são o que vemos, a entreterem-se com o desterro dos bispos, o castigo dos priores, e as cultuaes e outras cousas *urgicas*, quando a circulação fiduciaria já se não sabe onde vae parar, a divida fluctuante cresce a olhos vistos, o Banco de Portugal está em permanente socorro ao governo, tentando extinguir o incendio com chapoeiradas de dinheiro todos os sabbados, os *deficits* sahem fóra dos moldes á vista desarmada, a questão colonial aperta, a situação internacional se obscurece cada vez mais, fazendo-se aquelle silencio tragico das tardes de trovoada com o horizonte ennegrecido e sinistro recortado pela arcada multicolor do arco iris...

«E, sobre tudo isto, duas mais graves questões: a das subsistencias, com a do trabalho, e a da ordem publica.»

O *Mundo* accentua:

«Ora francamente, nós, se continuarmos assim, continuaremos realizando uma obra negativa e perigosa para todos, porque é uma obra de desordem, uma especie de auto-nihilismo praticado cegamente, sem um ideal, sem uma finalidade. A' boa paz e na melhor das pazes: — isto não póde ser!

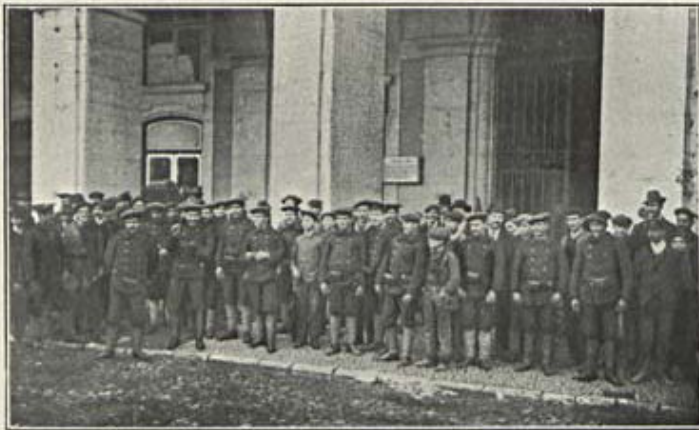
No *Intransigente* o sr. deputado Antonio Granjo, que está fóra dos corrilhos, porque é um dos independentes, isto é, dos *selvagens*, fazendo uma alta invocação á moralidade governativa a proposito da questão de Ambaca, exclama:

«Pela primeira vez a penna nos escorrega com dificuldade por estes quartos de papel.»

nias, por divergências com os seus collegas, acabava de pedir a sua demissão, que fôra accéita pelo Presidente da Republica.

A' tempestade que se annunciava, á attitudo da imprensa, á questão de moralidade, que ia ser uma questão aberta, não podia haver resposta mais eloquente.

E mais eloquente do que os factos, mais eloquente de que tudo isto, que voz poderá ahí levantar-se?



A greve geral em Lisboa — *Forças de marinha guardando os correios*

A tantas crises agravadas, vem á ultima hora juntar-se a da ordem publica. Militares e populares caem, em Evora, feridos pelas balas, uns, mortos, outros. Na historica e nobre cidade alemtejana corre na mesma onda sangue de trabalhadores do campo e de defensores da ordem. Para responder ás sollicitações dos que trabalham, dos que regam a terra com o seu suor, d'aquelles que tudo esperam e aos quaes tudo se promete, para defender ao mesmo tempo a propriedade que elles chegaram a assaltar na persuasão, que com lindas palavras lhes fôram inculcadas nos espiritos incultos, de que *tudo isto é nosso*, os altos representantes da democracia só teem a força, a polvora e as balas! Semearam ventos, colheram tempestades — mais uma vez se confirma a eterna verdade do proloquio popular.

Continuando, porém, a alinhavar os retalhos d'esta coberta quinzenal, depara-se-nos o ultimo, o fecho: Folheámos toda a imprensa, percorrémos centenas de columnas de jornaes, procurámos, enfim, por toda a parte, a sombra de uma solução para tantos problemas, para tantas crises, que exgotam a vida nacional e annunciam um bem triste futuro.

Valha-nos o parlamento! E' lá que deve encontrar-se o elixir para tantos males politicos. E' aos paes da patria que compete salva-la. E' da sabedoria das camaras que se espera a palavra suprema. Valha-nos essa esperança.

Então, por acaso, depois de muito rebuscar de jornaes, de folhear extractos de sessões, mais ou menos agitadas, mais ou menos pittorescas, depara-se-nos, á maravilha! esta summula eloquente das soluções que dão ás crises nacionaes os parlamentares. Fornece-a o jornal *Novidades*. E' o ultimo retalho. Leiam:

Senado e Deputados

O sr. *Santos Moita* pergunta em que lei se baseou o ministro das Colonias para nomear um 2.º official de um ministerio, que «nem sequer era republicano antes do 5 de outubro».

— O sr. *Peres Rodrigues* diz que não contem com elle nas sessões que durem mais de quatro horas.

— O sr. *Faustino da Fonseca* pede que se faça nos caminhos de ferro do Sul e Norte o abatimento de 50 por cento no transporte dos lixos.

— O sr. *Alexandre de Barros* protesta contra o *Padre Nosso*, nas escolas primarias...

Como retalho supplementar resta acrescentar aquellas palavras impressas, que já agora passam á Historia, do sr.dr. Antonio José d'Almeida:

«Na monarchia nunca se desceu tanto.»

E deixem agora os descrentes de apregoar as excellencias do regimen, e digam lá os maldizentes que não valeu a pena mudar de instituições!

JAYME VICTOR.

ANECDOTA

Calino recebe um telegramma do Porto, e exclama ao abril-o: — Que rapidez a do telegrapho! Este telegramma vem do Porto e ainda está humida a gomma do sobrescripto!



A greve geral em Lisboa — *Os electricos no Rocio guardados pela cavallaria*

(Phot. de J. Benoiel)

OS CÉGOS

Dois céguinhos á beira d'uma estrada
Sentados n'uma pedra, tristemente,
Alli recebem o calor dolente
Do fraco sol d'essa manhã gelada.

Parecem meditar, não dizem nada...
Por fim um d'elles, n'uma voz tremente,
Pergunta ao companheiro, anciosamente:
— N'essa tua existencia atribulada

«O que é que tu desejarías mais?»
Responde o outro, em dolorosos ais:
— «A vista! a vista! eis o que qu'ria eu!...

— «Pois eu quero ser cêgo até morrer!
Que ao menos cêgo nunca posso ver
Certa mulher que um dia m'esqueceu!

Fevereiro, 1912.

THOMAZ D'ÊÇA LEAL.

CAMINHO FALSO

IV

Até no reps do sophá onde se sentava, os seus dedos, eletrizados por aquella musica, encontravam o ranger dos velludos e das sedas, usados por tantas mulheres que amara e possuirá nas galopadas dos trens fechados e nos recantos dos gabinetes lubricos, onde o seu riso brilhava e se dissipara a jorros, como a luz.

E enquanto elle, preso das amantes e dos labios das *cocottes*, ia atraçoando a esposa e esbanjando a fortuna, a pequenina e innocente Virginia, deitada no regaço de Clotilde, aprendia a galrear um nome—o nome d'elle—que a mãe lhe ensinava, apaixonadamente, por entre beijos, a soluçar...

Todas estas memorias lhe espicavam o coração e lhe aba-

Teve medo, um medo horrivel daquelle som onde passava uma sombra a escorraça-lo! Chegou a ouvir, alta e vibrante, a voz da viscondessa, a expulsa-lo.

— Fôra daqui!... Infame!... Assassino!...



A greve geral em Lisboa — A policia dispersando os manifestantes

Ergueu-se apavorado, sahindo, em gestos de louco, a correr de sala em sala, de corredor em corredor, indo occultar-se no quarto mais afastado da sala de musica.

Só ao anoitecer, Virginia e Isabel, afflictas, foram encontradas extenuadas, arquejantes, encharcadas de suor. A presença e a voz meiga da filha tranquillizaram-no.

Ao falar-lhe Virginia da sua lembrança, para o distrahir, Marcello, sem agradecer, explicou que ali, tão distante, mal ouvia um sons confusos.

— Mas o papá gosta de musica?

— Gosto até muito, minha filha... mas... ás vezes, a musica...

Interrompeu-se, confundido, não fosse dar alguma explicação imprudente.

—...Olha, Virginia: quando se não é feliz, a musica não vale pelo que é, mas pelo que lembra...



A greve geral em Lisboa — Nas escadinhas do Duque, junto á estação do Rocio — A guarda fiscal preparando-se para fazer uma descarga

(Phot. de J. Benoitel)

tiam, sobre o sophá, a fronte esbraseada. Por vezes, levava repentinamente a mão ao rosto, a premir os ouvidos, para amortecer os lamentos de Clotilde accordados naquella musica.

E cada momento o som do piano era mais dilacerante. Penetrava-o até aos nervos, fundia-se nelle e nas coisas que o rodeavam, enchia-lhe o quarto de vibrações tragicas!

— Mas se o papá se incommoda...? se lhe faz mal...?
— Oh! não, minha filha... Por mim, não... Até te serve de recreio... Deves estar já aborrecida de viveres aqui, só comigo, cada dia mais velho e mais doente.

Virginia protestou carinhosamente, abraçando-o, conduzindo-o com o auxilio de Isabel para o quarto, e na madrugada seguinte,

antes do almoço, tirava, de entre as musicas da caixa de ebano, as *Prières*, de Alkan.

Marcello acabava então de tomar o remedio da ultima receita. Logo que os primeiros compassos resoaram no quarto, cahiu pesadamente sobre uma cadeira, murmurando:

«O castigo!...»

Tremia como o condenado posto a tractos. As *Prières!* Recordava-se bem. Clotilde escrevera-lhe uma carta pungentissima em que as lagrimas esfumavam a tinta das letras. Enquanto a

— ... Até nem tu já tens esperança filha...

— Mas eu choro de o ver desanimado... A verdade é que o papá até está melhor...

— Como tu és boa, minha querida Virginia!... Boa e santa como... como... um anjo!...

la a dizer como Clotilde, mas só o nome da esposa, proferido pela sua bocca, lhe parecia a revelação completa do crime. Entretanto, Virginia, sempre afeiçãoada e generosa, soffreava a dôr e continuava os carinhos e as musicas.



A greve geral em Lisboa — Na rua Formosa, na manhã de 31 de Janeiro
— As forças que tomaram parte no assalto à Casa Syndical

lia, uma visinha ao lado, tocava no piano aquella musica, então em voga.

E lembrava-lhe a hora a que recebera a carta, a altura a que ia o sol, e o rodar e as côres de um *coupe* fechado que, subitamente, parava à sua porta. Depois, os timbres da campainha e de uma voz feminina, o roçar de um vestido, o perfume e o ruído particular dos beijos da mulher que subira...

Por fim, a carta de Clotilde, rasgada a seus pés, entre a sua complacencia e o riso impudico da cortezã!

E este riso, esta gargalhada da prostituta triumphante executava-a Virginia, correndo os dedos puros no teclado de marfim. Sacudiu-o um estrechimento profundissimo.

Aquelle piano que, havia vinte annos, lhe dera, nas *Beatitudes* e na canção simples do S. João, a mais suave emoção da sua vida, era agora, nas mãos da filha, uma guilhotina de cem laminas, uma machina justiceira a que se sentia ligado por fios mysteriosos de tormento.

Virginia, innocente, linda e vingadora como um anjo biblico, feria as teclas, e cada lingua de marfim que os seus dedos premiam era para Marcello, um botão electrico que lhe infligia uma nova especie de tortura.

E, Marcello, reconhecendo a justiça da sentença, beijava, no fim daquelles tractos, os dedos mimosos da filha, cada vez mais extrema e sollicita em lhe dar saude.

Mas o medico retirava em cada visita mais reservado e apprehensivo.

— Isto está por pouco, Virginia!...

Olhou-a docemente, num amor amargurado, a lembrar-se do que teria sido a sua vida, naquella paz dos Prados, com Clotilde e muitos filhos, a este tempo já homens, constituindo um lar feliz, onde decerto morreria tranquillo, sem uma convulsão.

— ... Mais uns dias, minha filha, e ficarás sósinha nos Prados...

Virginia chorava angustiada, e Marcello, que se via amado, bebia-lhe nas lagrimas uma consolação suavissima.

O pae havia-lhe dito: «quando se não é feliz, a musica não vale pelo que é, mas pelo que lembra! Podia, entre essas musicas, encontrar alguma que lhe levantasse o espirito...»

Mas o doente, ao que dizia o medico, piorava assustadoramente com as pressões atmosphericas de junho. Na vespera do S. João, Marcello, que não dormira durante a noite, levantou-se cedo. Tinha as faces mais cavadas, a respiração oppressa, e as orbitas fundas, abysmadas de treva.



A greve geral em Lisboa — Officiaes que commandaram o assalto à Casa Syndical, da rua Formosa

(Phot. de J. Benoitel)

Quando Isabel lhe abriu a janella, esvoaçou-lhe, no quarto, com o aroma do sabugueiro, o canto do S. João que os ranchos cantavam ao longe, nas ceifas do pão já maduro:

Na manhã do S. João
Nasceram rosas amarellas;
S. João subiu ao ceu
A pedir pelas donzellas...

Galvanisou-o o tremor irremovível de uma recordação funebre e feliz. Uma força invencível attraheu-o para a janella, onde



A greve geral em Lisboa — Os presos a bordo da «Pero de Alemquer»

ficou de olhos embaciados e fitos sobre o jardim, e as mãos crispadas na madeira, a dominar as tonturas de uma vertigem deliciosa...

Como ha vinte annos, a manhã era cinzenta, o ceu morno, acariciante, d'onde cahiam, a intervallos, ligeiros borrifos de chuva sobre as arvores immoveis e verdes.

N'um relance, Marcello viu, intactos, o caramanchel de glicínias, o lago do repuxo, a gruta onde Clotilde refrescára os olhos, e o banco de sóbro onde, pela primeira vez, a beijara... Sobre o peitoril da janella, cahiam-lhe as lagrimas, sonoras e quentes, enquanto as gargantas claras das ceifadeiras, a agua do lago e os aromas da quinta lhe faziam reviver a madrugada distante...

Subitamente, o som do piano espalhou-se na casa e no jardim.

— As *Beatitudes!*...

Era a musica que Clotilde tocara, ao deixal-o no jardim, quando tinham ainda os labios humidos e ardentes dos primeiros beijos. A loucura de uma illusão feliz, revigorante, transfigurou-lhe o rosto, e uma energia arrebatadora, como a mão milagrosa de nm anjo, transportou-o, da janella do quarto, ao vestibulo da escadaria ampla que dava para a quinta.

Desceu-a n'uma alegria allucinada, internando-se no jardim, onde tudo vivia como ha vinte annos, e dirigiu-se para o velho banco, suggestionado na infinita chimera de que tambem Clotilde ia ali reviver para a divina fidelidade do seu amor renascido...

Mas, ao sentar-se, a cabeça tombou-lhe sem alento, os braços penderam-lhe, desfallecidos, como se os nervos tivessem estalado.

Rapidamente, viu o vulto da filha, como ha vinte annos o de Clotilde, vestida de branco, a descer a escadaria, na pressa de o desviar da madrugada humida.

Quando Virginia chegou, encontrou-o inerte, conservando apenas no olhar e nos labios, uma vivacidade aguda, intermittente.

— Não, minha filha... não me tires d'aqui!... — supplicou baixo, quasi impercetivel.

— Mas esta humidade faz-lhe mal... aqui é impossivel...

— Não, minha filha, não... deixa-me ficar... quero aqui morrer...

— Oh! Santo Deus!... Mas para que ha-de falar na morte?!...

— ... e confessar-me, Virginia... queria tambem confessar-me... — segredou sumidamente.

Virginia torturava-se para esconder as lagrimas aos olhos de Marcello.

— Mas o papá venha... consinta em voltar ao seu quarto... Depois, se o medico disser...

— Não, filha, não... A ti é que eu quero confessar-me... A minha vida... os meus actos... Tua mãe!... a minha Clotilde!... a minha santa Clotilde!

Arrasaram-se-lhe de lagrimas os olhos e a garganta.

Virginia, sem já conter o pranto, apertava-lhe, nas suas, as mãos lividas, a esfriar.

— Mas confessar-me o quê? Para que martyrisar-se?... Eu sei tudo... conheço tudo...

— Tudo?! Tu... sabes... tudo?!

Tornou-se mais livido, e as pupilas recuaram, a tremeluzir de frio, nas orbitas escurecidas de treva.

— Sim... sei tudo... a mamã contou-me...

— Tua... mãe... contou-te?! — perguntou horrorizado, n'uma pronuncia cansada, já secca e sibilante...

— Sim, contou...

— Tambem... eu... tambem... eu... quero... dizer-te... confessar-te...

Suspendeu-se como se a lingua e a garganta tivessem gasto um ultimo alento.

— Então o papá não se canse... Falo eu... Vae vêr que não é preciso porque sei tudo.

Marcello cerrou os olhos, como se a filha lhe suspendesse, sobre a cabeça, um cutelo de justiça tremenda.

Virginia começou, por entre soluços:

— A mamã era pobresinha, quando o papá casou com ella, não era?

Marcello acenou com a cabeça, de olhos fechados, um gesto affirmativo.

— ... E o Papá era fidalgo!... Amou-a muito, pois sim?

Fez com a fronte um gesto de affirmação, desenhando-se-lhe, nos labios lividos, uma atroz amargura.

— ... Mas a madrinha viscondessa (Deus lhe perdoe), só porque a mamã era pobre, não queria que o papá casasse com ella!...

Marcello descerrou os olhos n'um grande espanto, e Virginia pousou-lhe, n'um affago, a mão sobre a fronte,

— ... A madrinha ameaçou até desherdar-nos, e então, o papá, para nos ganhar fortuna, foi para Paris trabalhar... Sofreu muito, foi um martyr, por amor de mim e da mamã...

Nos olhos já baços de Marcello fulgiu uma consolação infinita...

— ... Depois, a madrinha arrependeu-se, e ainda nos fez muito bem. O papá é que continuou sempre lá fóra a trabalhar por nós, e sempre infeliz! Vê, como sei tudo?...



A greve geral em Lisboa — Grevistas presos com destino aos fortes

(Phot. de J. Benoit)

Debruçou-se a beijar-lhe os cabellos brancos.

— ... Se o Papá soubesse como nós cá resavamos por si... e como lhe queriamos... A mamã nunca lhe pronunciava o nome

que me não beijasse... Se visse como ella me contava os mimos que o papá me fazia, quando eu era pequenina...

Virginia inclinou-se a enxugar as lagrimas, e Marcello n'um ultimo esforço de agonisante, aproximou-lhe da face os labios já frios.

— Até me contou que era no braço esquerdo que o papá gostava de me trazer ao collo, para melhor me apertar ao coração... Vê... vê... vê... como sei tudo? Agora, venha?... Ande?... Volte para o quarto?... Então, papá?!...

E levantou-lhe, nas mãos, para a beijar, a cabeça pendente, já morta, risonha, como se um soluço feliz o tivesse estrangulado.

Quando o medico chegou, ainda Virginia o chamava e os ranchos das ceifadeiras, como ha vinte annos, cantavam ao longe, os noivados do S. João,

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.

acima do collo das raizes, em terra préviamente bem cavada, remexida, convenientemente adubada e regada. No fim do inverno põda-se, e todos os annos, pela primavera, deve-se-lhe fazer uma cava em volta do pé.

E' extraordinaria a variedade das roseiras hoje existentes, prestando-se maravilhosamente a diferentes systemas de ornamentação.

As especies sarmentosas, trepadeiras, empregam-se a vestir muros ou a formar deliciosos caramanchões. Uma das mais bellas d'esta especie é, sem duvida, a *Turner's Crimson Rambler*, importada do Japão por Carlos Turner. A flôr é de tamanho médio, d'um carmesim muito vivo. Roseira vigorosa e rustica, a sua folhagem abundantissima apresenta uma bellissima côr verde sobre a qual realça com magnifico effeito o carmesim da flôr. Floresce abundantemente; as flores, partindo de diferentes pontos do mesmo ramo, juntam-se em esplendidos bouquets.

A roseira *Marechal Niel*, branca, é tambem uma bellissima



A greve na Moita — Presos vindos d'esta localidade accusados do assassinato do administrador do concelho

(Phot. de J. Benolte)

ROSEIRAS

DESDE a mais remota antiguidade é a rosa objecto de especiaes e delicadas attentões. Os romanos consagravam um verdadeiro culto a esta flôr que figurava em todas as suas festas e nos seus mais lautos banquetes.

A rosa é a rainha das flores. O córte e a disposição das pétalas realçam o conjunto n'uma elegancia de fórma inexcedível. A diversidade de colorido, a profusão de matizes das innumerables especies e variedades, o aroma suavissimo, marcam á rosa um lugar primacial em todos os jardins.

Um jardim sem rosas seria o mesmo que uma mesa sem pão e as rosas, só por si, pôdem constituir jardins encantadores.

Nos tempos modernos tem sido extraordinariamente aperfeiçoada a cultura das rosas; os floricultores, empregando os diversos meios de reproducção das plantas, tem obtido soberbos exemplares d'uma rara belleza. A roseira presta-se e corresponde gentilmente aos esforços dos apaixonados. Dá-se bem em quasi todos os terrenos, reproduz-se e cruza-se com facilidade. São-lhe comtudo mais gratas as terras ligeiras, permeaveis e calcareas.

A roseira deve ser enterrada apenas a 8 ou 10 centimetros

planta, de maravilhoso effeito no revestimento de muros ou caramanchões. A flôr é muito grande, cheia, d'um branco lindissimo e delicioso aroma. A vegetação é vigorosa, a folhagem muito abundante e d'um verde muito vivo.

Algumas especies sarmentosas pôdem tambem armar-se em chorão, apresentando então um aspecto magnifico.

A roseira *Madame de Sancy de Parabère* é uma das mais bellas variedades para este effeito. A sua flôr é grande, cheia e d'uma magnifica côr de rosa.

E' tambem muito recommendavel a *Bella de Baltimore*, cuja flôr é de tamanho médio, cheia e de côr branca com tons amarellados, e ainda a *Malton*, tambem de tamanho médio e cheia, mas d'uma bella côr vermelha escura purpura.

As roseiras chá são muito apreciadas, principalmente pela sua longa florescencia, que se conserva durante o inverno. Ha variedades que são trepadeiras e outras que o não são. D'estas, uma das mais bellas é a *Archiduqueza Maria Immaculada*, cuja flôr, de uma regularidade e perfeição inexcedíveis, é muito grande, cheia, de aroma delicioso e d'uma côr de tijolo um pouco claro com tons de cobre brilhante e, no centro, d'um vermelho claro muito vivo. Outra roseira chá lindissima é a *Princeza Julia d'Aremberg*, trepadeira; dá uma flôr grande, cheia, de côr amarello claro, com tons escuros e, no centro, amarello muito claro,

com tons esverdeados. A *Perola de Lyon* não é trepadeira; produz uma flôr d'uma rara belleza, muito regular e perfeita, cheia, grande, de côr amarella carregada e aroma suavissimo.

Ha uma especie de roseiras, roseiras *Polyantha*, plantas anãs,

— Vou apostar, diz elle, em como em toda a villa não ha senão um marido que não seja enganado pela mulher.

— Qual é? pergunta ella com a curiosidade propria do sexo.

— Tu bem o conheces...

— Pois, olha; por mais que procure, não sei quem elle seja.

Os ultimos temporaes



A inundação em Villa Franca — Aspecto d'uma das ruas

mas vigorosas, sempre em flôr, que são muito apreciadas e muito empregadas em bordaduras. A variedade que tem o nome de *Prinçeza Guilhermina dos Paizes Baixos* é muito bella. A flôr é pequena, mas é cheia e d'uma admiravel côr branca; exhala um aroma delicioso.

As roseiras *Ilha de Bourbon* constituem uma especie de magnificos exemplares, muito florescentes no outomno. A roseira *Imperatriz Eugenia* é uma das mais bellas variedades, flôr grande, cheia, d'uma côr de rosa com tons prateados. A *Jules Jurgensen* é ainda mais bella que a anterior; a sua flôr exhala um magnifico aroma e é d'uma côr de rosa magenta lindissima. Outra variedade mais bella ainda, é a *Monsieur Cordeau*, flôr muito grande, cheia, d'um vermelho vivo carmesim, sombreado de vermelhão. E' muito florescente e as suas flores exhalam um cheiro agradabilissimo.

As roseiras *Musgo* são justamente apreciadas. A variedade *Zenobia* é muito bonita. A flôr é grande, cheia, de petalas assetinadas e d'uma côr de rosa ligeiramente esbatida. Os botões de musgo são lindissimos. A *Deuil de Paul Fontaine* é uma variedade d'uma extraordinaria belleza. A flôr é grande, perfeita, cheia, de côr vermelha purpura carregada, sombreada de vermelho muito vivo. A *Eugenia Guinoisseau*, com uma flor côr de cereja passando a violeta, é tambem muito bella.

Mas, como acima dissêmos, é tão consideravel o numero de especies e variedades de roseiras que impossivel se nos torna referirmo-nos a todas.

As roseiras *Noisette*, as *hybridas remontantes*, as *hybridas chá* e outras, são magnificas especies e variedades, com bellissimas e soberbas rosas.

Difícil tarefa seria a de escolher as mais bellas entre tantas e tão encantadoras flores. Por isso deixamos esse grato trabalho ao gosto do leitor apaixonado.

Cornelio e sua mulher conversavam a respeito dos maridos atraídoos pelas suas consortes.

A' VIRGEM SANTISSIMA

(Cheia de graça, mão de misericórdia)

N'um sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizível anciedade,
E' que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da belleza,
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura
Feita só de perdão, só de ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

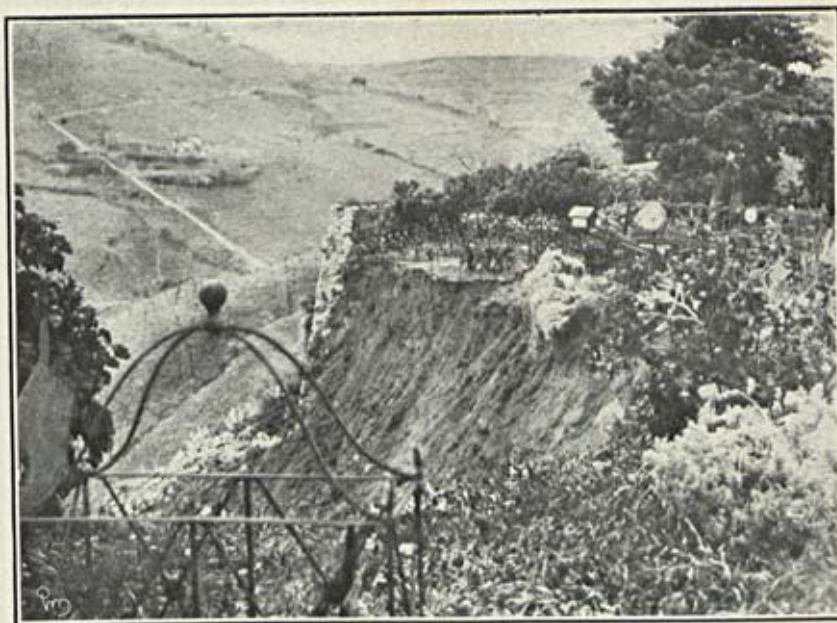
O' visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

ANTHERO DO QUENTAL.

Um fidalgo pobretão casa com a filha de um rico lavrador e de continuo procura humilha-la, recordando a sua origem. Pergunta-lhe um dia:

— Ora, diga-me uma coisa, minha mulher: — quantos carros de palha vendia seu pae todos os annos?

— Antes de casarmos, responde a mulher, desforrando-se,



Os ultimos temporaes — O muro do cemiterio de Alemquer que abateu n'uma extensão de 15 metros e d'uma altura de 20, pondo a descoberto varios cadaveres (Phot. de J. Benoitel)

vendia cem, mas agora não poderá vender mais de oitenta, visto que tem mais um animal a sustentar.

Pôr a lingua de fóra, segural-a com dois dedos e assim ficar alguns momentos é um bom meio para quem tiver soluços.

Chuvas e trovoadas

A água passa ao estado de vapor por dois processos, ebulição e evaporação. O primeiro toda a gente tem observado; a água ferve a uma temperatura que varia segundo a pressão

mente; o phenomeno é invisivel e só pode ser apreciado por medição. Não são ainda rigorosamente conhecidas as leis pelas quaes se rege, mas sabe-se que, n'uma superficie de agua exposta ao ar livre, a evaporação augmenta com a temperatura e com a velocidade do vento e diminue com o accrescimento da humidade e da pressão do ar.

A atmosphera contem sempre uma certa quantidade de vapor



Os ultimos temporaes — *A ponte da Ribeira d'Asseca completamente coberta d'agua*

atmosphérica, e passa rapidamente ao estado de vapor; á pressão de 760^{mm} ferve á temperatura de 100 graus centigrados, au-

de agua, mesmo nos dias mais bellos e de sol ardente, proveniente da evaporação da agua dos mares, dos lagos e dos rios. O sólo



Os ultimos temporaes — *No Largo da Ribeira de Santarem — As lojas bloqueadas pela cheia*

(Phot. de J. Benoit)

gmentando ou diminuindo com a pressão a temperatura necessaria para a ebulição.

Pela evaporação passa a agua ao estado de vapor muito lenta-

que está sempre mais ou menos humido, os vegetaes e até a respiração dos homens e dos animaes fornecem tambem á atmosphera uma certa quantidade de vapor de agua.

Quando um determinado espaço de ar contém todo o vapor de agua que é susceptível de conter, diz-se que está *saturado*, mas a quantidade de vapor de agua necessaria para saturar o ar varia com a temperatura. O ar aparentemente mais secco pode ser levado ao ponto de saturação sómente por abaixamento de temperatura, assim como o ar mais humido pode tornar-se, sem perda alguma de vapor de agua, relativamente secco só por augmento de temperatura.

Se o ar não offerecesse resistencia á circulação do vapor da agua e as camadas atmosphericas se conservassem em repouso, haveria duas atmospheras independentes, uma de vapor da agua e outra de ar.

Felizmente para nós, a resistencia d'este á circulação do vapor de agua e os movimentos da atmosphera obrigam-no a espalhar-se, como é necessario, para o natural equilibrio atmospherico.

Ora, entre os movimentos da atmosphera, tem especial importancia as correntes de ar ascendentes, devidas ao aquecimento das

egualmente sobre cada uma das pequenissimas gotas de agua ou agulhas de gelo que constituem as nuvens e devido a essa acção, essas gotas ou agulhas de gelo estão constantemente cahindo até ás camadas de ar de temperatura sufficiente para as evaporar, espalhando-se ellas então na atmosphera no estado de vapor de agua para, logo que se encontrem em condições favoraveis, formarem novas nuvens. Vê-se pois que na atmosphera fluctuam nuvens, ha sempre chuva ou neve, cahindo muito lentamente, entre a região que as nuvens occupam e a camada de ar inferior que tiver uma temperatura sufficiente para effectuar a evaporação das pequenissimas gotas d'agua. Por isso nós, observando por algum tempo uma nuvem, mesmo em tempo calmo, notamos que ella muda constantemente de aspecto.

Para que a chuva ou a neve cheguem á superficie da Terra é necessario que se produza um resfriamento tal que as pequenissimas gotas de agua ou agulhas de gelo, reunindo-se umas ás outras, fórmem corpos de maiores dimensões que, pelo consequente



Os ultimos temporaes — Em Santarem — Uma familia salvando-se pela janella

(Phot. de J. Benoliel)

camadas inferiores em contacto com a superficie do globo e que, carregadas de vapor d'agua, vão caminhando, ao passo que se elevam e visto que a temperatura vaee diminuindo, para o seu ponto de saturação que será attingido a uma certa altura. D'ahi por deante, como a temperatura continua diminuindo, principiará o vapor d'agua a condensar-se, dando origem á formação das nuvens que não são mais que enormissimas agglomerações de pequenissimas gotas de agua, fluctuando na atmosphera, ou de finissimas agulhas de gelo, quando as correntes ascendentes vão até alturas onde a temperatura é zero e faz congelar o vapor de agua. Estas são portanto as nuvens das mais altas regiões atmosphericas, que se nos apresentam com uma côr branca de neve, e aquellas são as das baixas regiões.

Do que fica dito se infere tambem que o limite inferior da região das nuvens é variavel, pois depende da temperatura necessaria para fazer chegar o ar ao seu ponto de saturação, e que é mais elevado de verão que de inverno, pois que, n'aquella estação é mais alta a temperatura das diferentes camadas atmosphericas. Obedecendo ás leis da gravidade, as nuvens tendem constantemente a approximar-se da superficie da Terra, mas esse movimento é muito vagaroso, devido á resistencia que lhe offerecem as camadas de ar inferiores e as correntes ascendentes. A gravidade actua

acrescimento de peso, não possam continuar a fluctuar na atmosphera, e que, pelas suas dimensões, não possam ser evaporadas, na totalidade, pelas temperaturas das camadas inferiores.

Diversas hypotheses tem sido apresentadas para explicar a electrificação da superficie do solo e do ar. Não nos demoraremos a mencioná-las. Basta que saibamos que experiencias numerosas demonstraram que se uma massa de agua doce se separa em gotas, como n'uma cascata, por exemplo, estas se electrizam positivamente e a camada de ar que as rodeia, fica com uma quantidade egual de electricidade negativa; chegando as gotas ao sólo, espalha-se n'elle a electricidade positiva que ellas levam, enquanto o ar fica electrizado negativamente. Este phenomeno produz-se quando ha chuva. Com a agua salgada dá-se o contrario; as gotas que constituem aquillo a que se chama a *surriada*, das vagas do mar, electrizam-se negativamente, enquanto que o ar que as rodeia, se carrega de egual quantidade de electricidade positiva; cahindo as gotas, a sua electricidade negativa espalha-se na superficie do mar, ficando o ar electrizado positivamente.

Além, pois, da quantidade inicial de electricidade que a Terra

pode ter, desde a sua formação, diversos phenomenos desenvolvem constantemente novas quantidades de electricidade que se espalham á superficie do sólo ou na massa atmospherica e, reconhecida a existencia d'estas quantidades de electricidade, torna-se facil expli-

electricidade que o ar possuia na sua massa, por metro cubico, essa quantidade pode bastar para dar ás gotas uma carga apreciavel. E' facil a demonstração d'isso, mas desnecessaria aqui, porque se concebe facilmente que uma quantidade de electricidade, mesmo



Os ultimos temporaes — Na Ribeira de Santarem — Aspecto da cheia rodeando o theatro

car a electrização das nuvens a qual pode fazer-se de maneiras muito differentes, avultando todavia as condições da formação das mesmas nuvens, os phenomenos de influencia e a acção dos raios solares sobre as nuvens constituidas por agulhas de gelo.

muito fraca, contida primitivamente n'uma certa massa de ar e depois concentrada á superficie de gotas que conjunctamente occupam um volume muito menor que aquella massa de ar, possa dar ás gotas uma carga e potencial apreciaveis. Além d'isso, o poten-



Os ultimos temporaes — Na Ribeira de Santarem — A imagem de Santa Iria bloqueada pela inundaçáo

(Phot. de J. Benoitel)

Quando uma nuvem se fórma n'um certo espaço por condensação do vapor de agua, as pequenas gotas, relativamente conductoras que a constituem, ficam com toda a electricidade primitivamente contida no ar e, por mais fraca que seja a quantidade de

cial das gotas, para uma mesma massa total de agua e para a mesma quantidade de electricidade, augmenta rapidamente com o diametro das gotas. Se, com effeito, se reunem duas gotas de agua eguaes, o volume resultante é duplo, mas a superficie é apenas



Barão do Rio Branco

Estadista brasileiro

(† a 10 de Fevereiro de 1912)

O Brasil acaba de perder um dos seus maiores estadistas, o Barão do Rio Branco, ministro dos negócios estrangeiros d'aquelle florescente paiz.

Era filho do visconde do Rio Branco e era formado em direito na Universidade de S. Paulo.

Foi secretario da commissão brasileira que estabeleceu o tratado

de paz com o Uruguay, foi deputado, jornalista, consul do Brasil em Liverpool, ministro plenipotenciario na America do Norte e desde 1902 que era ministro do exterior, tendo sido chamado pelo presidente Rodrigues Alves a desempenhar este cargo e conservando-se n'elle até que ha dias a morte o arrebatou, privando a nação brasileira dos seus valiosos serviços. Character de primeira grandeza, a sua vida politica é um exemplo de coherencia. Servidor dedicado da monarchia, na Republica serviu a nação.

O barão do Rio Branco era um homem de estado, moderno, intelligente, patriota e grande diplomata. Todas estas qualidades elle poz ao serviço do seu paiz que lhe fica devendo em grande parte a situação preponderante que actualmente tem na America do Sul.

cerca de oito decimos da somma das superficies das duas gotas; a carga electrica por unidade de superficie e, por consequencia, o potencial da gota de agua resultante, são maiores.

A quantidade total de electricidade que uma nuvem toma no ar, na occasião da sua formação, depende sómente da electrificação do ar contido nesse espaço, mas o potencial das gotas que constituem a nuvem pode ser muito diferente, segundo as condições em que se operou a condensação; fraco nas nuvens constituídas por gotas muito finas e muito elevado nas nuvens provenientes d'uma condensação muito rapida com gotas relativamente grandes, como succede nas nuvens de mau tempo.

Os phenomenos de influencia teem tambem uma parte consideravel na electrificação das nuvens. Uma nuvem collocada no campo electrico da Terra, electrifica-se por influencia, positivamente na parte inferior virada para o sólo que está carregado de electricidade negativa, e negativamente na parte superior. Se a nuvem se divide então em varias partes, cada uma d'estas poderá possuir apenas uma especie de electricidade positiva ou negativa; ou, ainda, se a parte inferior da nuvem, submettida á influencia da Terra, cáe no sólo em chuva, fica na atmosphera a outra metade electrificada negativamente. Se uma nuvem encontra no seu caminho uma montanha, fica ao potencial do sólo e, quando se afastar, irá n'um estado electrico muito differente das camadas de ar e das outras

THEATROS

THEATRO DA REPUBLICA — A melhor das mulheres



2.º acto

(Phot. de A. C. Lima)

nuvens que a rodeiam. Acções idênticas poderão produzir-se também entre nuvens electrizadas positiva ou negativamente.

Os phenomenos de influencia dão pois, indifferentemente, origem, segundo os casos, á electrização positiva ou negativa das nuvens.

Vamos vêr a acção dos raios do sol.

Sabe-se que os raios ultra-violetas, incidindo sobre um conductor metalico electrizado negativamente, descarregam-se espontaneamente, ao passo que nenhuma influencia exercem sobre a electrização positiva.

Ora o gelo perfeitamente secco comporta-se tal qual como os metaes, relativamente aos raios ultra-violetas que, pelo contrario, nenhuma acção tem sobre a agua ou sobre o gelo humido; e as agulhas de gelo a muito baixa temperatura, e portanto bem secco, que constituem as nuvens mais altas da atmosphera, electrizam-se por influencia, positivamente n'uma extremidade e negativamente na outra. Por outro lado, os raios do sol encerram uma grande proporção de radiações violentas nas regiões elevadas da atmosphera, nas quaes essas radiações não soffreram ainda uma grande absorção. Se, portanto, essas radiações incidirem sobre as extremidades

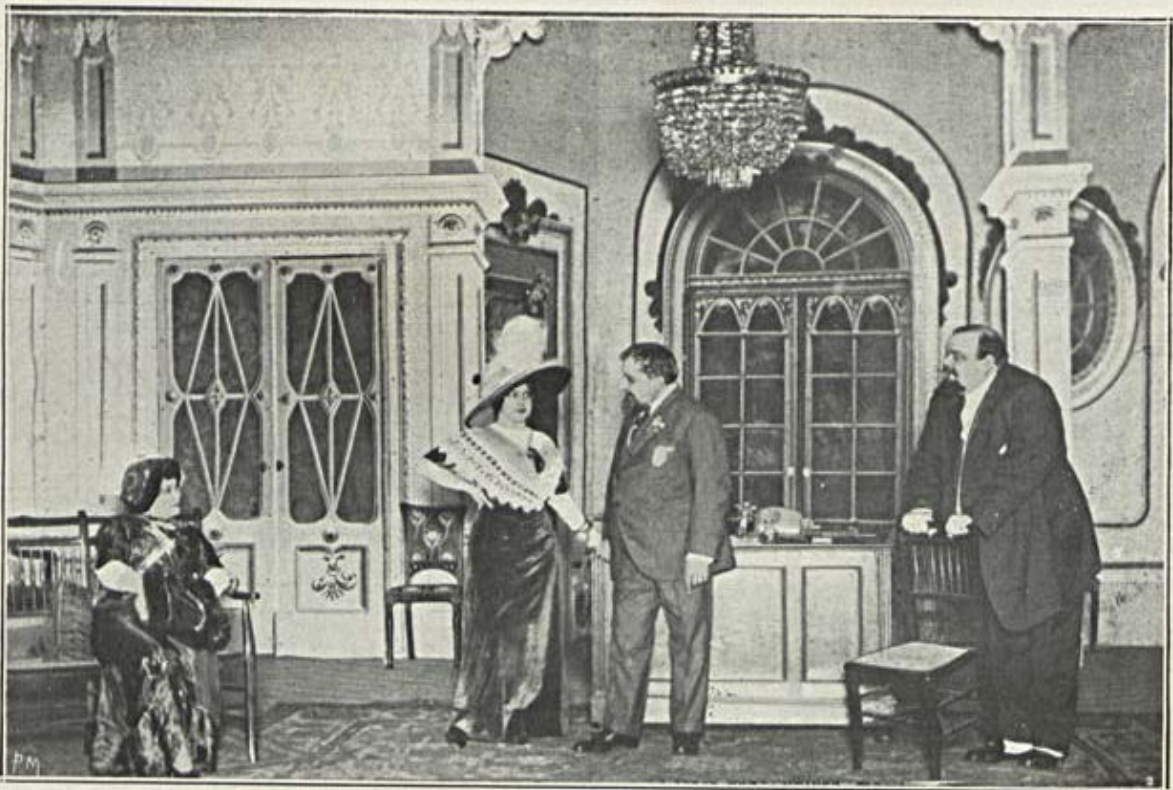
sob fôrma de fôrma de fôrma, entre duas nuvens de potenciaes diferentes ou entre uma nuvem electrizada e o sólo, embora seja muito grande a distancia. Essa descarga brusca, atravez do ar, é o raio; a luz que produz é o relampago e o ruido que a acompanha, devido á sua passagem instantanea atravez da atmosphera, é o trovão.

Quem se achar proximo do local onde cae o raio, ouve um só som, secco e violento, como o de uma explosão, mas, a certa distancia, esse ruido é um relampago prolongado que ora se enfraquece, ora se reforça.

As causas d'este rolamento são varias. Em primeiro lugar, o raio tem um grande comprimento e uma fôrma muito sinuosa, de modo que o som produzido pelas suas diversas partes não chega ao mesmo tempo aos ouvidos d'um observador collocado a distancia. A esta causa juntam-se os echos produzidos pela reflexão do som nas nuvens e no sólo e que são o principal factor do prolongamento e do reforçamento do som. Finalmente o raio não se compõe, em geral, d'uma só descarga.

As nuvens são grandes agglomerações de massas semi-conductoras, mais ou menos separadas umas das outras, de sorte que,

THEATRO DA REPUBLICA — A melhor das mulheres



Ultimo acto

(Phot. de A. C. Lima)

das agulhas de gelo electrizadas negativamente, determinarão a descarga d'esta especie de electricidade e a nuvem ficará electrizada positivamente, podendo produzir phenomenos de influencia, quando sabir da camada de ar que a rodeava e que se acha electrizada negativamente pela descarga determinada pelos raios ultra-violetas.

Conclusão: as nuvens podem, segundo as circumstancias, estar carregadas de grandes quantidades de electricidade, positiva ou negativa, e em potenciaes muito diferentes umas das outras e do sólo.

Ora, quando dois corpos electrizados a potenciaes diferentes se approximam a uma distancia sufficiente, produz-se entre elles uma descarga brusca sob a fôrma d'uma fôrma de fôrma.

A distancia maxima á qual se pode produzir a fôrma de fôrma depende da fôrma dos corpos em presenca e da sua differença de potencial; essa distancia augmenta, porém, consideravelmente com a differença de potencial, de modo que a fôrma de fôrma pode attingir um grande comprimento para differenças de potencial relativamente pequenas.

Compreende-se então que possa produzir-se uma descarga,

quando se dá a primeira descarga, é a electricidade espalhada na periphèria da nuvem que produz o raio, mas, rôto bruscamente o equilibrio existente entre as diferentes partes da nuvem, produzem-se entre estas outras descargas secundarias, cujo ruido concorre para o prolongamento e reforçamento do som da principal. E' em virtude d'estas descargas secundarias que ás vezes se ouvem trovões que começam por um arrolamento surdo, seguido d'um violento ruido ao qual se succedem numerosos rolamentos; é que, ás vezes, o ruido das descargas secundarias precede o da principal.

O raio é um longo traço de fogo de côr branca, muito viva e brilhante, de fôrma muito irregular; é uma longa fita sinuosa formada de partes curvas em todos os sentidos, com muitas ramificações do traço principal.

As sinuosidades do raio explicam-se pelas variações da resistencia do ar e pela presenca na atmosphera de materias mais conductoras que outras e que facilitam a descarga.

Muitas vezes o traço de fogo é unico, outras parece dividir-se em duas partes principaes, mas é difficil affirmar se estes dois ramos pertencem á mesma descarga ou a duas descargas successivas com pequeno intervallo.

A duração do raio parece apreciável, mas isso é apenas uma illusão devida á persistencia das impressões luminosas na nossa retina. Medições directas e conscienciosas demonstraram que essa duração é apenas de um millesimo de segundo.

Se se contar o numero de segundos que decorre desde que se avista o relampago até começar a ouvir-se o trovão e se multiplicar-se esse numero pela velocidade do som, tem-se a distancia do local onde se produziu o raio, ao observador.

Na pratica, como a velocidade do som anda por 333 metros por segundo, basta dividir o numero de segundos decorridos por 3, para se ter a distancia em kilometros.

Não queremos terminar sem nos referirmos aos relampagos chamados vulgarmente *de calor*, que muitas vezes se observam no horizonte, n'um céu sem nuvens.

A denominação que se lhes dá, não tem fundamento algum.

Se tivermos o cuidado de observar a hora e a direcção em que são vistos, viremos a saber mais tarde que n'essa direcção passou, a grande distancia, uma tempestade.

Com effeito, os relampagos impropriamente chamados *de calor*, não são mais que o reflexo no céu de relampagos produzidos por

Variedades

Antiguidade da polka

O inglez John Davies publicou, em 1596, um poema sobre a dança n'este tempo. A descripção que faz da *volta*, é exactamente a descripção da *polka*, d'onde se segue que esta já se dançava no tempo da Rainha Izabel.

Os papas

Desde S. Pedro até o actual, os papas que têm administrado a egreja por maior numero de annos, são:

S. Pedro e Pio IX, 32 annos; Leão XIII, 25 annos; Pio VI, 24 annos; Pio VII, 23 annos; S. Silvestre e Alexandre III, 22 annos; S. Leão, o Grande e Innocencio XIII, 21 annos.

Pio X, o papa actual, foi eleito em 3 de agosto de 1903.

THEATRO APOLO — A Feira do Diabo



Ultimo quadro

Final da scena da Pianola

(Phot. de A. C. Lima)

descargas, entre nuvens, a tão grande distancia de nós que ficam abaixo do nosso horizonte.

Em resumo: Uma trovoada é um phenomeno natural, de origem electrica e de simples explicação que não deve infundir grandes receios, porque a grande maioria das descargas produz-se entre as nuvens, e portanto não nos pode attingir, e ainda porque as que se dão entre as nuvens e a terra, dirigem-se de preferencia aos pontos mais elevados d'esta, como arvores altas, torres de egrejas, etc.

Além d'isso, a queda d'um raio numa casa não causa *forçosamente* a morte dos moradores; o que é mais para temer são os prejuizos materiaes, que de ordinario são importantes.

Provaveis desastres pessoas não são maiores que aquelles a que diariamente estamos sujeitos nos riscos de incendio, nas viagens em caminhos de ferro, nos electricos, nos vapores, etc.

Em todo o caso, o que pessoas timoratas devem fazer primeiro, quando ouvem uma trovoada, é vêr, pelo processo que acima apontamos, se esta se approxima ou se afasta d'ellas, porque neste ultimo caso ficam logo socegadas.

E mais uma observação apenas. Muitas pessoas assustam-se principalmente com o ruido do trovão. Não tem razão de ser o susto.

Quando se ouve o trovão já o perigo d'essa descarga vae passado.

THEATROS

Republica — *O Avarento*, peça em 5 actos, de Molière, traducção de Antonio Feliciano de Castilho — **Nacional** — *Má Sina*, peça em 3 actos, de Bento Mantua — **Apolo** — *A Diplomata dos Figurinos*, operetta em 2 actos, de Scribe, traducção de Accacio de Paiva, musica de Filippe Duarte — *O Pobre Valbuena*, zarzuela em 1 acto e 3 quadros, traducção de Accacio Antunes — **Variedades** — *Ponham-lhe papas...* revista em 1 acto e 7 quadros, original de João Bastos e Luiz Vaz, musica dos maestros Dias Costa e Canhão — **Rua dos Condes** — *Sonho do Fado*, arregio da peça *Sonho de Valsa*, por Caetano Pereira e Arthur Neves, musica de Alfredo Mantua — **Colyseu dos Recreios**.

Resurgiu agora no **Republica**, em festa artistica de Ferreira da Silva, o *Avarento*, de Molière, na versão de Antonio Feliciano Castilho, e que é a corôa de gloria do illustre actor. Da peça e da interpretação de Ferreira da Silva, verdadeiramente superior, tem já dito a critica, sendo uma e outra bem conhecidas do nosso publico. Foi, pois, uma noite de festa e de alegria, sendo todos os interpretes muito applaudidos, destacando-se além do festejado, Chaby Pinheiro, Azevedo, Henrique Alves, Luz Velloso e Barbara.

— *A Má Sina*, do talentoso auctor Bento Mantua, que ha annos fóra representada com successo no **Nacional**, foi na sua *reprise* novamente acolhida com applausos, o que não admira, pois é peça que ha-de perdurar no theatro portuguez e que revela conhecimentos profundos de theatro da parte do auctor, que é um dos novos com mais probabilidades de fazer carreira.

Luiz Pinto, que a escolheu para a sua festa artistica, desempe-

ESTER MAZZOLENI



O notável soprano dramático que alcançou um ruído triunpho na "Gloconda" e na "Tosca"

nhando o papel que fôra creado por Brazão, deu-lhe todo o relêvo e vê-se que estudou com amôr e arte a difficil personagem, havendo o mesmo a dizer de Antonio Pinheiro, no papel então desempenhado por Araujo Pereira. Ignacio, no moleiro, apresenta-nos um excellent trabalho de observação, bem como Palmyra Torres e Joaquim Costa, sendo todos, auctor e interpretes, muito justamente applaudidos.

— *A Diplomata dos Figurinos*, que Accacio de Paiva procurou adaptar ao nosso paladar, embora seja uma velharia, ouve-se, no emtanto, com certo agrado, no **Apollo**, e ornada com a excellent musica de Filippe Duarte estamos certos fará carreira, acrescendo que desempenho, scenario e guarda-roupa são a ultima palavra em theatro, pois não é possivel fazer mais do que Schwalbach fez, mostrando que conhece á maravilha o seu publico.

A interessante peça, acompanhada da conhecida zarzuela *Pobre Valbuena*, que inumeras vezes tem sido representada nos nossos palcos por companhias hespanholas, era, portanto, já conhecida e de agrado seguro. No protagonista distinguiu-se Nascimento Fernandes que parece talhado para o papel e lhe deu toda a graça e relêvo, sendo este um dos seus mais completos trabalhos.

Para breve *Intrigas no Bairro*, de Luiz de Araujo, e *Pão com manteiga*, revista em 1 acto de João Bastos.

— Mais uma vez a letra **P** foi benefica para o **Varietades**. Veja-se o successo do *Ponham-lhe papas...* arreglo da revista *Sem rei nem roque*, e que parece obra nova, pois se apresenta melhor vestida e preparada, sendo tambem o desempenho mais harmonico. Não resta duvida que o popular theatro tem peça para lavar e durar.

— No **Rua dos Condes** representou-se agora com geral agrado um arreglo da peça *Sonho de Valsa* intitulado *Sonho do Fado*, com musica de Bento Mantua, que é uma verdadeira fabrica de gargalhadas, e que está decerto destinado a larga carreira, attendendo á predilecção da maior parte do publico por este genero de peças de sabôr puramente popular.

— No **Colyseu dos Recreios**, subiu ultimamente á scena a operetta de grande spectaculo *Os Granadeiros de Napoleão*, que, como todas as peças representadas pela companhia que actualmente ali se exhibe, constituiu um verdadeiro successo, tendo levado enchentes successivas áquella casa de spectaculos. Para o carnaval prepara a empreza o *Carnaval de Veneza* de Strauss, que nunca se representou em Portugal.

Ruy.

Animatographos

Nas differentes casas d'este genero continuam-se exhibindo fitas sensacionaes de grande dimensão; assim o **Central** annuncianos a fita de grande successo *Sua magestade o dinheiro*; o **Salão da Trindade**, o *Ipnotizador*, além de muitas outras de fama; no **Chiado Terrasse** preparam-se para breve novas estreias assim como no **Olympia** que com a *Filha dos ferro-viarios*, de grande intensidade dramatica, tem tido enchentes consecutivas; tão grandes, como o **Phantastico**, **Rocio Palace** e **Infantil**.

Uma digressão artistica aos Açores



Grupo de artistas que vão aos Açores dirigidos pelo actor Leopoldo Froes

(Phot. de A. C. Lima)